

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
PEDAGOGIA

MARTA MARIA DA SILVA

“DIFERENTES SOMOS TODOS” E “O PATINHO SURDO”: UMA INVESTIGAÇÃO
DISCURSIVA DE TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

APARECIDA DE GOIÂNIA
2019



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Marta Maria da Silva

Matrícula: 20161090080022

Título do Trabalho: "DIFERENTES SOMOS TODOS" E O "PATINHO SURDO": UMA INVESTIGAÇÃO DISCURSIVA DE TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

Autorização - Marque uma das opções

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (embargo);
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- () O documento está sujeito a registro de patente.
() O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
() Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 28 /01/2020.
Local Data

Marta Maria da Silva

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARTA MARIA DA SILVA

“DIFERENTES SOMOS TODOS” E “O PATINHO SURDO”: UMA INVESTIGAÇÃO
DISCURSIVA DE TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia Bilíngue.

Orientador (a): Prof(a). Dr(a). Josiane dos Santos Lima

APARECIDA DE GOIÂNIA
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Marta Maria da

“Diferentes somos todos” e “o patinho surdo”: uma investigação discursiva de textos da literatura infantil/ Marta Maria da Silva. - Aparecida de Goiânia, 2019. - 43f. il.

Orientadora: Dr^a. Josiane dos Santos Lima.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2019.

1. Literatura infantil. 2. Literatura surda. 3. Discurso. 4. Sentido. I. Título

CDD372.64

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte – CRB 1/2746



TERMO DE APROVAÇÃO

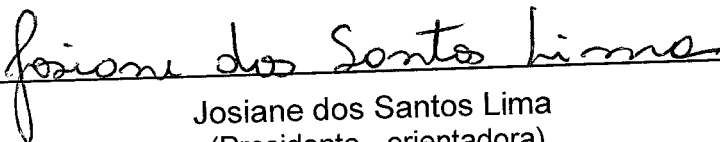
MARTA MARIA DA SILVA

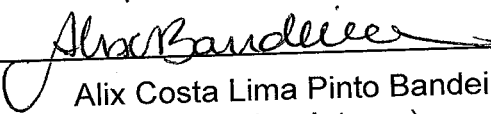
DIFERENTES SOMOS TODOS E O PATINHO SURDO: UMA INVESTIGAÇÃO DISCURSIVA DE
TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

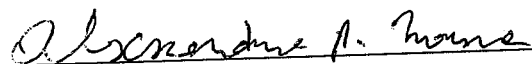
Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus
Aparecida de Goiânia - como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia Bilíngue, sob orientação da Dra.
Josiane dos Santos Lima.

Aprovado em 06 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Josiane dos Santos Lima
(Presidente - orientadora)


Alix Costa Lima Pinto Bandeira
(Membro Interno)


Alexssandro Ribeiro Moura
(Membro Interno)

RESUMO

O espaço escolar é basilar na formação dos leitores, pois pode promover momentos para o acesso à literatura e às formas de se reconhecerem como sujeitos. Nessa perspectiva, serão feitas reflexões, além de trabalho analítico usando os conceitos de discurso, efeito de sentido e enunciados e suas possibilidades para propor uma leitura discursiva de obras literárias infantis. Dessa forma, refletiremos sobre a noção de sentido e de efeitos de sentidos, conceitos decorrentes das representações sociais e imaginárias das pessoas em sociedade. Será explanada a construção teórica da Análise do Discurso francesa, de suas primeiras proposições aos dias atuais. No tocante à análise observaremos a história do livro “Patinho surdo” (ROSA e KARNOPP, 2005) que conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de ouvintes e também o livro “Diferente somos todos” (PERLMAM, 2005), o qual fala sobre a história de duas crianças com síndrome de Down, cujas irmãs estudavam na mesma escola, porém elas eram de classes sociais diferentes. Esse trabalho, então, visa a mostrar, por meio dos instrumentos analíticos da Análise do discurso francesa, que a literatura, especificamente a infantil, é um lugar constitutivo de identidade e subjetividade, um espaço propício para a materialização de discursos “verdadeiros” sobre os sujeitos e suas identidades e também sobre a diversidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Literatura Surda. Discurso. Sentido.

RESUMEN

El espacio escolar es fundamental en la formación de los lectores, pues puede promover momentos de acceso a la literatura y formas de reconocerse como sujetos. Desde esta perspectiva, se realizarán reflexiones, así como un trabajo analítico utilizando los conceptos del discurso, el efecto del significado y las expresiones y sus posibilidades para proponer una lectura discursiva de las obras literarias para los niños. De esta manera, reflexionaremos sobre la noción de significado y efectos sensoriales, conceptos que surgen de las representaciones sociales e imaginarias de las personas en la sociedad. Se explicará la construcción teórica del análisis del discurso francés, desde sus primeras propuestas hasta la actualidad. Con respecto al análisis, observaremos la historia del libro "Patito sordo" (ROSA y KARNOPP, 2005) que cuenta la historia de un patito sordo que nació en un nido de oyentes y también el libro "Diferentes somos todos" (PELMAM, 2005), que cuenta la historia de dos niños con síndrome de Down, cuyas hermanas asistían a la misma escuela, pero eran de diferentes clases sociales. Este trabajo tiene como objetivo mostrar, por medio de los instrumentos analíticos del análisis del discurso francés, que la literatura, específicamente la literatura infantil, es un lugar constitutivo de identidad y subjetividad, un espacio propicio para la materialización de discursos "verdaderos" sobre temas y sus identidades y también sobre diversidad.

Palabras clave: Literatura Infantil. Literatura Sorda. Identidad Diversidad.

Dedicatória

"Dedico este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível".

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, o meu Deus que em todos os momentos de angústia que precisei de ajuda, tive socorro com seu imenso amor e misericórdia.

Agradeço a todos os professores pela dedicação e paciência que tiveram e pela ajuda nas minhas dificuldades.

Agradeço aos meus amigos: Rozina, Michael e Isângela pela parceria e companheirismo em todos os momentos.

E, com muito carinho e gratidão, do fundo do meu coração, agradeço a minha orientadora Josiane que, com sua imensa paciência e humildade, foi de suma importância para minha formação e para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos obrigada e que Deus os abençoe!

Lista de figuras

Figura 1: Diálogo Clau e Laurinha	17
Figura 2: Diálogo entre mãe e filha	18
Figura 3: Sinalização como forma de comunicação natural	21
Figura 4: Construção do sentido de normalidade	29
Figura 5: Perspectiva do efeito de sentido de normalidade	29
Figura 6: Imagem retirada do site da Editora SM	33
Figura 7: Representação das mãos nos patos	35
Figura 8: Estética visual das ilustrações	35
Figura 9: Comunicação na lagoa e o papel do intérprete	36
Figura 10: Contradição entre imagem e materialização textual	39
Figura 11: Construção das diferenças	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - Discurso e leitura literária: aspectos discursivos dos livros infantis	15
1.1 O texto literário: alguns apontamentos iniciais	15
1.1.2 A literatura infantil: uma versão das coisas	17
1.2 Algumas considerações sobre a literatura surda	20
CAPÍTULO II - Uma forma de olhar: apontamento para uma Análise do Discurso	24
2.1 Um pouco de história: as três épocas da Análise do Discurso	24
2.2 A Análise do Discurso: a busca do efeito	26
CAPÍTULO III - as materialidades discursivas: uma leitura analítica de textos da literatura infantil	32
3.1 As materialidades textuais: os livros escolhidos	32
3.2 Patinho Surdo	34
3.3 Diferentes somos todos	38
Considerações Finais	42
Referências	43

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a linguagem nas últimas décadas. Cada vez mais encontramos estudos e pesquisas que têm proporcionado novas e diferentes reflexões sobre sujeito discursivo, a análise do discurso e a interdisciplinaridade, os entrecruzamentos das diferentes teorias. Isso mostra que estudar aspectos linguísticos é uma atividade que procura compreender a linguagem além das normas estruturais.

O elemento linguístico se materializa nos discursos, construindo uma relação constitutiva da linguagem face à sua exterioridade. Assim, a teoria do discurso traz significados aos fenômenos históricos. Diante disso, percebem-se os aspectos formais com sentidos diferentes, nos momentos históricos distintos.

É preciso sair da materialidade linguística para compreendê-la em sua exterioridade, no social, espaço em que o linguístico, para além da formalidade estrutural da língua, é parte constitutiva das produções de sentido de uma sociedade em determinado tempo histórico. Analisar os problemas encontrados na linguagem em funcionamento, ou seja, quando os falantes encontram sentido no que é dito, é um dos pontos que justificou nossa proposta de pesquisa, posto que é importante, em uma sociedade como a nossa, estarmos atentos à produção dos discursos.

Para falarmos em discurso, devemos considerar os elementos que têm existência no social em relação com a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana. Dessa forma, o nosso interesse, em conformidade com a perspectiva teórica da Análise do Discurso, é pensar os sentidos como *efeitos*. A literatura infantil foi o lugar de direção do nosso estudo.

Através da observação de alguns autores, como Cleudemar Fernandes (2006) e também Eni Orlandi (1996), estudiosos do discurso, realizamos a escolha de livros de literatura infantil. Chamaram a nossa atenção as temáticas ligadas à construção do discurso da identidade surda e também do respeito às diferenças. Além de tais temáticas, a leitura guiada pelas bases da investigação discursiva nos permitiu

enxergar uma rede discursiva que, antes do desenvolvimento de nosso trabalho, não imaginávamos que existia.

Assim, buscamos compreender o conceito de discurso por meio de um material bibliográfico que reunisse as questões basilares dessa área de estudos. Ao apresentar uma reflexão de caráter introdutório, procuramos também fornecer pistas, ou abrir portas para um estudo mais aprofundado aos que se interessarem pelo discurso como objetivo de investigação científica. Fizemos uma reflexão em torno de alguns conceitos básicos, de caráter introdutório a essa área do conhecimento, e delineamos caminhos que nos permitiram compreender como os sujeitos podem ser pensados na materialidade da língua e nas relações dos dizeres.

Além disso, ao pensar o tema da produção dos discursos sobre a identidade e a diversidade na Literatura infantil, a nossa proposta de trabalho busca contribuir com o ensino, uma vez que tem como área geral as práticas de leitura. Todo campo do saber edifica-se pautado em um rigor teórico, a partir da definição de aspectos metodológicos, e focaliza um objetivo que lhe é específico. Para a análise do Discurso, enquanto disciplina, o próprio nome efetua referência ao seu objeto de estudos: o discurso.

Contudo, por outro lado, é necessário também compreender que a Literatura guarda as suas especificidades em relação a outras produções languageiras. Conforme Fernandes (2006, p. 49), esses detalhes,

implicam efeitos de sentido peculiares a essa produção e, ainda, a literatura dialoga com uma exterioridade perpassada pela história, que constitui memória discursiva em diferentes produções e implica efeitos de sentido decorrentes da inscrição dos sujeitos e dos discursos em diferentes lugares sócio-histórico-ideológicos.

Ao nos depararmos com a produção literária voltada para o público infantil, devemos ter presente a ideia de que não se trata de uma literatura menor ou desinteressada, ao contrário, como qualquer outro texto literário, ela também produz sentidos e efeitos de verdade que serão constitutivos na formação do pequeno leitor.

Nos livros que foram pesquisados, parecia existir, essa foi uma hipótese de trabalho, uma discursividade sobre a identidade e a diversidade que apontavam para as possibilidades de subjetivação do sujeito-criança, materializando, por meio dos enunciados, sentidos sobre o que é ser alguém sem preconceitos, inclusivo e diferente. Em outras palavras, nos pareceu que havia uma busca por construir um

sujeito-criança a partir das imagens positivas do respeito com o outro e também do orgulho de ser o que se é.

Tendo em vista o exposto, formulamos algumas perguntas de pesquisa que ajudaram a guiar o nosso trabalho investigativo:

1. Como enxergar a literatura infantil em sua dimensão sócio histórica e como ela pode ser abordada discursivamente?
2. Os textos analisados são materializações de quais discursividades?
3. Como os textos dos livros pesquisados organizam-se, enunciativamente, para produzir seus efeitos de sentidos sobre possibilidade de subjetivação?

Para realização do nosso empreendimento, partimos de uma interrogação inicial: “O que se entende por discurso? ”. Após apresentarmos algumas reflexões, visando à compreensão desse objeto, tendo em vista as suas especificidades e complexidade no campo disciplinar em questão, estabeleceremos suas inter-relações teóricas, abordando alguns conceitos primordiais da Análise do Discurso, necessários até mesmo para compreensão de discurso enquanto objeto de estudo.

O caráter de complexidade, por nós assinalado, decorre do fato de o discurso implicar uma exterioridade à linguagem, ser apreendido no social e cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais.

Iniciaremos essas reflexões justamente no capítulo I, destinado à explanação do conceito de discurso e suas possibilidades de apreensão para análise. Nesse momento, refletimos também sobre a noção de sentido e de efeitos de sentidos, conceitos decorrentes das representações sociais e do imaginário dos homens em sociedade, além também de fazermos algumas reflexões ligadas ao universo da produção literária, especificamente em relação à Literatura infantil.

Dando continuidade a este estudo, já no capítulo II, são realizadas reflexões específicas sobre a noção de sujeito discursivo, uma vez que, para a Análise do Discurso, não se focaliza o indivíduo falante, compreendido como um sujeito empírico, ou seja, como alguém que tem suas experiências individualizadas no mundo. Importa o sujeito inserido em uma conjuntura social, tomado em um lugar

social, histórico e ideologicamente marcado; um sujeito que não é homogêneo, e sim heterogêneo, constituído por um conjunto de diferentes vozes.

As noções de formação discursiva, de interdiscurso e o papel da memória (uma memória de natureza social) também fazem parte dos conceitos básicos necessários para se ter uma compreensão da Análise do Discurso. Esses conceitos serão abordados também no Capítulo II, momento em que recorreremos à história, disciplina que se entrecruza com a Linguística para a construção da Análise do Discurso. Explicitaremos esse caráter interdisciplinar visando à explicação da constituição da Análise do discurso como subárea da Linguística.

A construção teórica da Análise do Discurso, de suas primeiras proposições aos dias atuais, passou por reelaborações, por alterações, ao que seus proponentes e estudiosos denominaram as três épocas da AD: AD1, AD2 e AD3. Optamos por apresentar o percurso teórico após a apresentação dos conceitos, como os compreendemos atualmente, por acreditarmos que, neste momento, diante de uma reflexão acerca dos aspectos basilares da Análise do Discurso, a compreensão da história desse constructo teórico seria facilitada.

Finalmente, no Capítulo III, realizamos o exercício de análise de discurso. Tomamos como material para análise os dois livros escolhidos, *O patinho surdo* e *Diferente somos todos*. Com a análise, apontamos os diferentes discursos materializados nesses textos e explicitamos o entrecruzamento dos aspectos sociais, históricos e ideológicos na linguagem, a partir dos quais apontamos as diferentes vozes constitutivas do sujeito discursivo com o intuito de identificar a constituição dos sentidos sobre, por exemplo, diversidade e identidade.

A sequência dos capítulos deve-se apenas a uma organização didática para este texto, pois na Análise do Discurso, os conceitos se implicam. Ou seja, cada conceito investigado exige a presença e explanação de muitos outros, com os quais estabelece uma relação de interdependência. Dessa forma, em cada capítulo, será possível abordar um pouco das análises.

Uma preocupação que tivemos e que almejamos que nossa pesquisa tenha alcançado é o entendimento de que a produção literária infantil, com temas relacionados à surdez, se fez necessária para atender às especificidades desse público, ou seja, o próprio formato em que os textos são disponibilizados. Conforme Karnopp,

Partindo da análise, os autores Silveira (2000), Karnopp e Machado (2006) investigaram materiais de literatura infantil que apresentam temas relacionados à surdez e observaram as temáticas apresentadas e a forma como o material foi disponibilizado aos leitores, a tradução para a língua de sinais, a legenda, a questão da autoria, o endereçamento dos livros, a disponibilização de dicionário e as imagens presentes no livro (KARNOPP, 2009, p.3).

Nesse sentido, embora não tenha sido o foco do nosso trabalho, descobrimos que foram criados, pelo Ministério da Educação e pelo INES, materiais para literaturas infantis adaptadas para surdo em Libras com apoio de surdos, segundo podemos constatar pelas palavras de Karnopp (2009):

há também materiais produzidos pelo Ministério da Educação que incluem Histórias Infantis em Língua de Sinais. Por exemplo: “Chapeuzinho Vermelho”, ‘A raposa e as uvas’, “A lenda do guaraná”, “Branca de neve e os sete anões”, “O curumim que virou gigante”, “A lebre e a tartaruga”, ‘Hino Nacional em libras’. Tais produções foram realizadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e contam com a participação de surdos. (KARNOPP, 2009, p.6).

Procuramos apresentar um pouco do enredo dos livros trabalhados. “O patinho surdo” (ROSA e KARNOPP, 2005) conta a história de um patinho surdo que nasceu em um ninho de patos ouvintes. Ao reencontrar surdos e aprender com eles a *Língua de Sinais da Lagoa*, o patinho descobriu sua história de vida. O texto aborda as diferenças linguísticas na família e na sociedade, além de apresentar a importância do intérprete na comunicação entre surdos e ouvintes.

O livro “Diferente somos todos” (PERLMAM, 2005) fala sobre a história de duas crianças com Síndrome de Down, cujas irmãs estudavam na mesma escola, porém, elas eram de classes sociais diferentes. Neste livro o autor aborda a questão da inclusão escolar.

Convidamos você para ler este trabalho e conosco conhecer, refletir e pensar alguns caminhos da Literatura Infantil à luz dos instrumentos teórico e metodológicos da Análise do Discurso.

CAPÍTULO I

Discurso e leitura literária: aspectos discursivos dos livros infantis

O presente capítulo discute alguns aspectos relacionados à Literatura infantil, como a produção social, a história de discurso e a formação do sujeito leitor, isso por meio da metodologia da Análise de Discurso. Além disso, neste capítulo tratamos a literatura surda dentro da perspectiva de composição da cultura. Serão feitas reflexões ligadas à produção literária, especialmente em relação à literatura infantil e papel da Literatura Surda no contexto de formação dos sujeitos.

1.1 O texto literário: alguns apontamentos iniciais

É a partir das relações e interação social, da qual a linguagem é expressão e se faz fundamental, que a criança constrói sua própria singularidade. Devemos ainda acrescentar que se tornar leitor de literatura no espaço escolar pode ser uma jornada que vai muito além do domínio das letras. Em outros termos, quando a criança acessa o mundo da leitura, sobretudo a leitura literária, parece-nos que estão criadas oportunidades para que esse sujeito tome uma posição ante o mundo e os modos de se colocar nele, lidando com valores culturais, alargando sentidos e construindo seu aprendizado (COSSON, 2012). Desse modo,

entre os incontáveis gêneros do discurso, o texto literário é o único destacado em sua especificidade pelos PCNs¹, o que nos conduz às seguintes perguntas: O que faz que um texto possa ser considerado um texto literário? A que se deve essa especificidade? O que é literatura?(SANTOS e MORAES, 2013, p.13)

Tendo em vista que o interesse de nossa investigação não é um trabalho literário, de crítica literária ou mesmo de literatura comparada, mas discursivo, apenas pretendemos percorrer um breve caminho sobre a Literatura propriamente. Destaca-

¹ Embora existam trabalhos já iniciados em torno da Base Nacional Comum curricular (BNCC), decidimos não abrir mão de algumas reflexões a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), entendendo a sua existência como um marco significativo na Educação do Brasil.

se que a literatura possui vários tipos de produções, e também conta com temático e público alvo.

Segundo Roberto Acízelo de Souza (2003), a palavra literatura encontra algumas acepções, por exemplo: conjunto da produção escrita que tenha determinada origem, temática ou público-alvo (literatura jurídica, l. feminina, l. marginal); bibliografia de um campo de estudos (literatura jurídica, l. médica); as duas últimas acepções são descartadas pelo autor, a afirmação de que a “Literatura” é uma disciplina que estuda a “literatura” (SANTOS e MORAES, 2013, p.13).

Existem diferenças entre o literário e o não literário. O texto não literário mostra suposta transparência norteada pelos objetivos diretos ao tratar de informações e ação em questão. O texto literário enfatiza as criações e destaca os aspectos culturais.

Domício Proença Filho (1986) afirma que o texto literário se distingue do texto não literário pelo fato de este último se caracterizar pela transparência, por objetivar diretamente a informação e ação, enquanto o primeiro encontra-se a serviço da criação artística, tendo por característica “a marca da opacidade”² (SANTOS e MORAES, 2013, p.2).

O arquivo literário pode ser pensado de maneiras diversas a partir da Análise do Discurso. Assim, para a realização deste trabalho, buscamos não a via do trabalho estético, da fortuna literária e análises comparadas. O nosso interesse foi, a partir dos conceitos discursivos, compreender como os enunciados, materializados nos livros escolhidos, apresentam possibilidades de leitura sobre a identidade e diversidade, bem como outros discursos que são constitutivos da subjetividade de tal público. Dessa maneira, foram importantes os conceitos de discurso, enunciado e efeitos de sentido (GREGOLIN, 2004), uma vez que, conforme Pêcheux (1997, p. 190),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sociohistórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

² Embora concordemos com parte da afirmação, devemos lembrar que, segundo a Análise do Discurso, a opacidade é constitutiva da linguagem, pois não existe transparência ou neutralidade.

Então, foi foco do nosso interesse a literatura como uma produção social e histórica de discursos. Todo esse universo foi tratado a partir da metodologia da Análise do Discurso.

1.2 A literatura infantil: uma versão das coisas

Com o passar dos anos, o uso da Literatura infantil dentro das escolas e na educação como um todo é um tema que desperta as mais diversas posturas. Segundo, Santos e Moraes (2013), a Educação tem sido revisitada por diversos pensadores e o nosso momento histórico apresenta uma crise de modelos. Dessa forma, o nosso tempo nos dá a oportunidade de problematizar esses modelos e usar a crise para construir um momento de reflexão, entendendo que,

a Literatura infantil, com seu potencial renovador característico da criação artística, pode proporcionar a ampliação da visão de mundo e um refinamento na compreensão de vivências por parte das crianças (PAIVA; RODRIGUES, 2009, p. 107 apud SANTOS e MORAES, 2013, p. 87).

A literatura infantil, desde o seu surgimento, é reconhecida por muitos pesquisadores que a consideram uma literatura de maior amplitude de alcance e de caráter mais democrático do que a Literatura dita maior. Portanto, isso se deve ao fato de que a boa literatura infantil alcança não apenas crianças de várias idades, mas também adultos de diferentes graus ou níveis de letramento, despertando em cada pessoa, de diferentes idades, o interesse e o encantamento, não só pelos seus aspectos divertidos e maravilhosos, mas pelos aspectos políticos e coletivos, rodeados por uma variedade de sentidos e à estética dos recursos simbólicos nela presentes (SANTOS e MORAES, 2013).

A Literatura infantil é muito importante e fundamental, por isso, Santos e Moraes (2013) apontam que seja promovido um movimento, a partir da metáfora da transformação, para que seja, assim, rejeitada a percepção imposta de que a literatura infantil é uma literatura de menor relevância, e com isso se possa lutar para que seja estabelecida e consolidada entre outras tantas mudanças possíveis. A literatura infantil é social e política. Nela tudo é político e tudo toma um valor coletivo (DELEUZE e GUATTARI, apud SANTOS e MORAES, 2013).

Assim, podemos ver que na literatura infantil “encontra-se, de um lado, o caráter educacional, que desde sua gênese se faz presente como formador de mentalidades, propagador de ideologias, mantenedor ou questionador de estratos sociais, valores e condições preestabelecidas” (SANTOS e MORAES, 2013, p. 89) e na outra ponta há seu caráter também artístico.

Isso mostra que não podemos desconsiderar “que o diálogo de qualquer texto literário se dá, em primeiro lugar, com outros textos”. Entretanto, os diversos trabalhos sobre a literatura infantil “tendem a privilegiar o caráter educativo dos livros para crianças, sua dimensão pedagógica, a serviço de um ou outro projeto escolar e político” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p.10).

A literatura infantil, no entendimento de Santos e Moraes (2013, p. 96), possui o potencial de inventividade e recriação, o qual une o universo dos sonhos e o lúdico e, por outro lado, também contempla o viés ético, político e estético, por isso, ela deve ser pensada não somente como instrumento de formação pedagógica, mas como uma espécie de tradutora de diversos saberes socialmente constituídos, um espaço que promove o “diálogo entre os mais distintos saberes, crenças, artes e pensamento de modo estético, coletivo, político e ético”.

Observemos, por exemplo, o trecho seguinte de *Diferentes somos todos* (PELRMAN, 2016, p.16)

No diálogo entre as personagens Clau e Laurinha é possível perceber que há discussão que materializa a percepção acerca das “coisas que importam”, ou seja, mostrando o que deve ou não ser valorizado pelas pessoas.

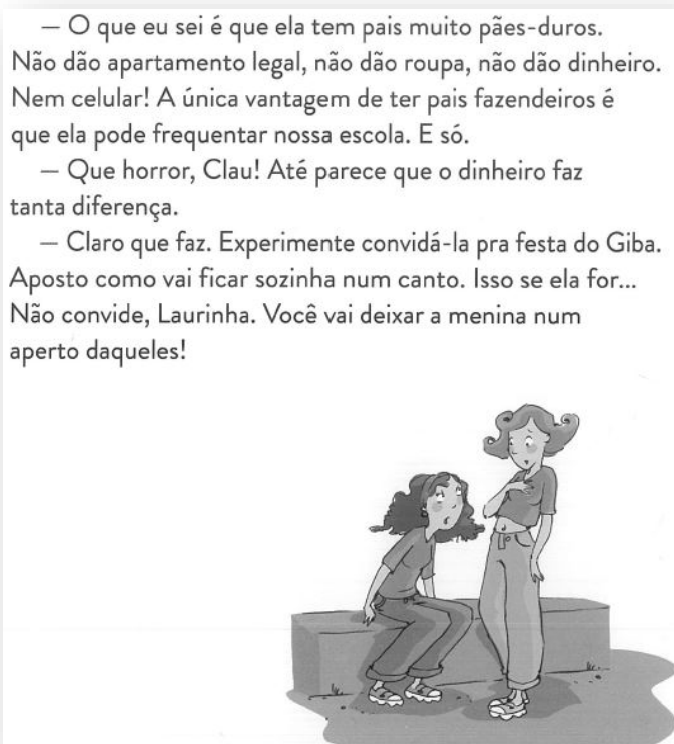


Figura 1: Diálogo Clau e Laurinha, p. 16

A conversa se dá entre amigas de escola e, ao que parece, mostra algo do cotidiano de jovens e adolescentes, importar-se com a aparência e objetos que tornem uma pessoa “popular”. Contudo, a negativa da personagem Laurinha em relação à percepção sobre dinheiro apresentada por Clau nos dá uma ideia de como este tipo de texto é carregado de discursos que traduzem ou dão materialidade a variadas formas de saber e valores socialmente construídos.

Existe, na criação do universo literário, o investimento da escritura. Ela inventa um “novo” mundo e, ao transformar a realidade em realidade escrita, diferencia-se da realidade, pois a transforma. Segundo Certeau (2009, apud SANTOS e MORAES, 2013), esta escritura submete os corpos a uma dada norma, fazendo que os próprios corpos “digam” essa norma. Dessa forma, “escritura faz dizer, faz crer, faz fazer e faz praticar, ao falar em nome de um real” (CERTEAU, 2009, p. 219 apud SANTOS e MORAES, 2013, p. 97). É o que podemos observar, por exemplo, nos trechos extraídos do livro *Diferentes somos todos* (PELRMAN, 2016, p.9) em que a mãe de Carminha é retratada como pertencente à classe trabalhadora e traz, na imagem que ilustra história, o imaginário sobre aquela senhora humilde que trabalha em “casa de família”.

A mulher é materializada de avental, esponja e louça suja nas mãos, sem contar o lenço prendendo os cabelos. Além disso, o que ela diz para filha também dá “corpo” às práticas discursivas que circulam em nosso cotidiano, as quais apontam o lugar dos patrões e dos empregados.

Conforme nos mostram Santos e Moraes (2013), as palavras são carregadas não apenas dos sentidos, mas também de valores. Por tal razão, quando o texto literário escolhe uma palavra e não outra ou



Figura 2: Diálogo entre mãe e filha, p.9

joga luz sobre um dado e não outro, estabelece um certo juízo de valor. Poderíamos questionar a ideia vinculada pelo enunciado que coloca a patroa em um lugar “santificado”, quase equiparado à figurada de Deus.

No próximo capítulo veremos como os discursos nunca são neutros, ao contrário, são atravessados pela memória social discursiva, pelas ideologias e se relacionam com os sujeitos historicamente constituídos. Assim, concordamos com Santos e Moraes (2013, p. 102) que afirmam que:

O enunciador, em um espaço e um tempo específicos, seleciona os recursos necessários da língua para compor verbalmente seu texto, avaliando a situação; ou seja, sua expressão verbal, além de refletir o respectivo contexto, integra uma valoração. De modo que, a cada novo enunciado, surge outra significação, determinada pela interação entre o enunciador (autor), o seu interlocutor (o leitor) e o tópico do discurso (o que ou quem).

Partindo da perspectiva de que a leitura passa pelas negociações de significados, é interessante estar atento para os movimentos sociais que insistem em transformar “os sentidos” em “o sentido”, ou como nos aponta Bakhtin (2004, apud SANTOS e MORAES), tornar o signo “monovalente”. E também de tentar compreender as consequências de tudo isso no universo da literatura infantil, uma vez que a literatura possui suas características marcadas por interesses e demandas de uma dada época.

1.3 Algumas considerações sobre a literatura surda

Tendo em vista que não foi objetivo do nosso trabalho fazer uma pesquisa dentro dos Estudos Surdos, os apontamentos sobre a literatura surda têm o objetivo de situar o leitor em relação a uma historicidade desta área e mostrar algumas de suas características.

Para o leitor surdo, os livros infantis promovem várias formas de diálogos. As imagens em relação com os textos verbais são de grande importância para o leitor surdo, essa articulação é essencial dada as suas condições de sujeito visual. As figuras e imagens deixam de ser um simples complemento ilustrativo da mensagem linguística escrita em língua portuguesa e passa a contribuir com a representação dos personagens (OLIVEIRA e MEDEIROS, 2016).

Contudo, conforme os mesmos autores, o debate em torno da literatura surda no Brasil ainda é novo, sobretudo em relação ao ponto de vista teórico. “Ele surge vinculado às discussões atuais em torno da linguística da Libras, da escolarização de alunos surdos, da pesquisa em língua de sinais, do bilinguismo e da cultura surda”. O incentivo à criação do texto literário e aos estudos que legitimam e divulgam essa produção artística (OLIVEIRA e MEDEIROS, 2016, p.3).

Dentro da comunidade surda existe também uma Literatura que é diferente das demais, sobretudo, pelo uso da língua de sinais e pela referência ao universo da cultura surda. Com isso, a literatura surda é um instrumento da cultura surda e traduz a memória das vivências de cada sujeito surdo de várias gerações através dos tempos. A maioria das histórias transmitidas através da língua de sinais vem das experiências construídas dentro das comunidades surdas que transmitem seus valores, orgulho para construir vínculos com as gerações mais jovens (OLIVEIRA e MEDEIROS, 2016).

A Literatura Surda tem uma constituição diferente, muito próxima dos grupos que preservaram e difundiram suas memórias por meio da cultura apenas oral. Conforme Gomes (2016), muito recentemente, ou seja, a partir da década de 1950 do século passado, pôde-se reconhecer representantes tanto surdos como ouvintes de construções teóricas da Literatura Surda.

Quando se trata da Literatura Surda infantil, vemos que a maioria dos textos que estão disponíveis é composta de traduções de clássicos da literatura ocidental para Libras. As traduções, as experiências de adaptações, as criações, cada uma aos poucos vão expandindo o leque das expressões dessa cultura. As crianças surdas precisam de um ambiente que possa envolvê-las junto à cultura surda, identidade surda e à língua gestual, logo, precisam de contato com adultos surdos diariamente por horas (OLIVEIRA e MEDEIROS, 2016)

A função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. Nesse sentido, ela é extremamente pragmática e, segundo as autoras, “tem em vista uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso, a criança” (PALO e OLIVEIRA apud OLIVEIRA E MEDEIROS, 2016 p. 5).

Assim, conforme também nos ensina Mourão (2011), pesquisador surdo, devemos compreender que a Literatura Surda traz falas dos processos sociais e também das práticas discursivas relacionadas à comunidade surda e que circulam ao longo da história. Além disso, é importante perceber que as relações não se restringem a aspectos internos da comunidade, mas também à atuação externa do povo surdo, o qual tem histórias, variadas narrativas a serem contadas e que mostram a trajetória histórica, artística e política desse mesmo povo.

Parece ser importante compreendermos que a produção literária surda não cabe somente a trabalhos internos dessa comunidade. Dentro de nossas leituras e reflexão percebemos que é bastante significativo compreender que livros adaptados, por exemplo, podem ajudar crianças ouvintes a crescerem compreendendo melhor o sujeito surdo, sua realidade e suas perspectivas. Esse seria o caso de livros adaptados como a *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda* e o próprio *Patinho Surdo*, objeto de nossa investigação. Observemos, por exemplo, um trecho de *Patinho Surdo* (ROSA e KARNOPP, 2011):

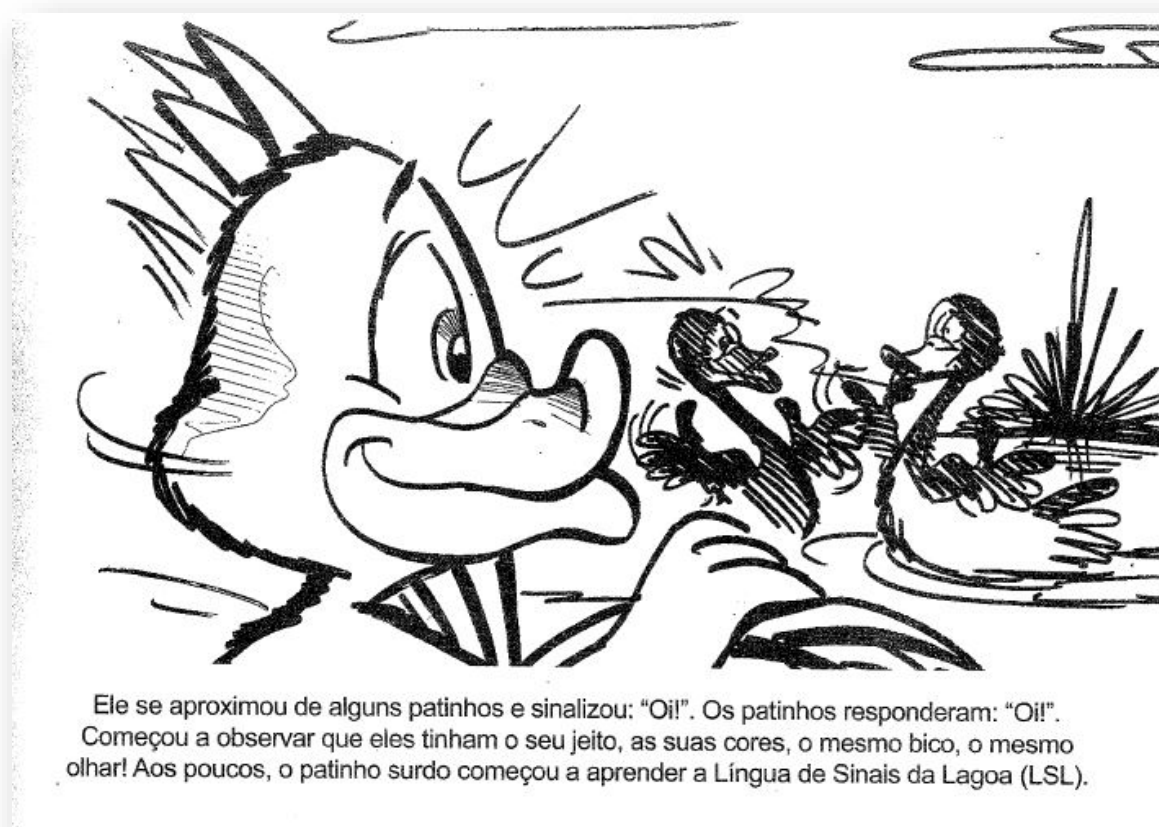


Figura 3: Sinalização como forma de comunicação natural, p. 17

A cena mostra, por exemplo, que a forma comunicativa natural do patinho é a sinalização. Depois, podemos observar que há uma identificação entre estes sujeitos, pois os outros patinhos também respondem “Oi”, ou seja, revelando que, diferentemente das outras aves da lagoa, eles compreendiam e respondiam na mesma língua que o Patinho Surdo. No final, o narrador revela como é chamada esta forma de comunicação, LSL, Língua de Sinais da Lagoa.

Isso nos provoca uma reflexão. Se as crianças surdas tivessem mais contato, desde muito cedo com as narrativas, com as histórias, assim como ocorre com as crianças ouvintes, talvez a realidade de constituição de tais sujeitos fosse diferente, possibilitando outros caminhos de construção do próprio conhecimento. Nesse sentido, concordamos inteiramente com Paulo Freire que diz no livro *A importância do Ato de Ler* (1989, p. 10) que:

[...] do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar. No esforço de re-tomar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia, permitam-me repetir, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. E algo que me parece importante, no contexto geral de que venho falando, emerge agora insinuando a sua presença no corpo destas reflexões. Me refiro a meu medo das almas penadas cuja presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos, no tempo de minha infância.

O mundo que nos cerca nos alimenta e alimenta a nossa leitura. É impossível pensar que não ter acesso a uma língua desde muito cedo não provoque consequências na constituição dos sujeitos. Da mesma forma, ter contato com esse universo da criação literária seria algo de grande importância na formação da criança surda.

A cultura surda está presente entre nós, talvez esperando ou desejando o seu reconhecimento, uma vez que está inserida em outra cultura majoritária. A Literatura Surda mostra algumas das possibilidades desse grupo, dessa cultura de marcar um lugar de existência e construção de sentidos diferentes da cultura ouvinte.

CAPÍTULO II

UMA FORMA DE OLHAR: APONTAMENTO PARA UMA ANÁLISE DO DISCURSO

O presente capítulo traz aspectos relacionados à explanação dos conceitos de discurso e suas possibilidades de apreensão para análise. Nesse momento refletiremos também sobre a noção de sentido e de efeito de sentidos, conceitos decorrentes das representações sociais e imaginárias dos homens em sociedade, além de fazermos algumas reflexões ligadas ao universo da produção literária, especialmente em relação à literatura infantil com exemplos dos livros *Patinho surdo* e *Diferentes somos todos*.

2.1 Um pouco de história: as três épocas da Análise do Discurso

A história da constituição da Análise de discurso (AD) pode, talvez, ser vista como uma amostra da história das ciências dentro de um domínio, onde a ruptura é sempre lugar de recobrimentos. Essa afirmação nos remete às desconstruções e reconfigurações do quadro teórico da Escola Francesa de Análise de discurso, configurada nas três fases apontadas por (PÊCHEUX, 1983 apud SILVA, 2003, p. 2).

A primeira fase da AD foi marcada pela análise automática do discurso (AAD-1969), apesar de propor aos linguistas um modo de abordar a relação entre língua e história, ou melhor, de pensar a exterioridade no interior do objeto língua, fica restrita a um conjunto de enunciados fechados, que se relacionam entre si pela justaposição, sendo passíveis de serem analisados por uma máquina lógico-semântica, as críticas dos linguistas tanto quantos de pesquisadores, impulsionaram o deslocamento teórico em desconstruir e reconfigurar o quadro teórico da AAD (PÊCHEUX, 1983, p.313 Apud SILVA 2003, p. 2).

Nessa fase da AD, a reconfiguração no quadro teórico é marcada pelo deslocamento do conceito de formações discursivas, de Michel Foucault, para fazer funcionar dentro do quadro materialista de subjetivação da linguagem, juntamente

com o conceito de formação ideológicas (FI). Devido a isso tal deslocamento colocou em discussão a validade da maquinaria discursiva-estrutural fechada da primeira fase da AD, indicando que as relações entre as “‘máquinas’ discursivas estruturais” são relações de forças desiguais, apontando, pois, para uma reavaliação da questão do sujeito e do sentido (SILVA, 2003).

Na fase epistemológica da AD, articulam-se três regiões do conhecimento atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica: a) o materialismo histórico; b) a linguística; c) e a teoria do discurso. A problemática dessa fase, segundo Silva (2003), decorre dessa relação desigual das formações discursivas; do fechamento da maquinaria discursiva, mesmo sendo concebido como resultado paradoxal da irrupção de uma além-exterior e anterior; do sujeito do discurso continuar sendo concebido “como puro efeito de se sujeitar à maquinaria da formação discursiva com a qual ele se identifica”; enfim, da insistência da alteridade na identidade discursiva que coloca em causa o fechamento desta identidade, da noção de maquinaria discursiva e da noção de formação discursiva tal como reformulada dentro da AD (SILVA, 2003).

Através disso, esses problemas deram impulso a outro momento e novas formulações foram postas em jogo para reconfigurar o quadro epistemológico da AD na terceira fase, marcada pela acentuação do primado do outro sobre o mesmo e pela desconstrução das maquinarias discursivas. O início dessa nova fase é marcado pelas dúvidas e incertezas que giram em torno de dois períodos. Como assinala Maldidier (1990 apud SILVA, 2003), no primeiro, entre 1976 e 1977, Pêcheux e os althusserianos conduzem a batalha teórico-política contra o reformismo. No que se refere à linguística e ao discurso, em consequência da chegada tardia da pragmática, da filosofia da linguagem, da análise da conversação, da crise da linguística formal, do apogeu da linguística da enunciação e da recepção dos trabalhos de Bakhtin na França, novas questões sobre a língua e o sujeito se impõem e as discussões se acentuam em torno das tendências da linguística: o logicismo e o sociologismo. A questão que se recoloca é a necessidade de trabalhar a língua como base comum de processos discursivos diferenciados, sem ceder nem ao logicismo, nem ao sociologismo (SILVA, 2003).

Em 1977, Pêcheux (1977), numa conferência no México, intitulada “Remontons de Foucault à Spinoza”, inicia o retorno a Foucault e começa a delinear uma nova reconfiguração no quadro da AD, operando o deslocamento das noções de

“formas de repartição” e de “sistemas de dispersão” para fazer funcionar, na sua reflexão sobre a categoria marxista da contradição, as noções de “identidade e divisão do sentido do enunciado” e de formação discursiva dividida, não idêntica a si mesma, que se organiza na contradição, entre outros, anunciando uma maneira nova de pensar a contradição (SILVA, 2003).

A partir de Deleuze, questiona-se a questão da repetição, mostrando a necessidade de refletir o intradiscurso como lugar heterogêneo de rupturas. A noção de heterogeneidade, assim, é introduzida nesse trabalho, fazendo oscilar a noção de intradiscurso, o conceito teórico de fio do discurso, na relação com o interdiscurso, e fazendo emergir a questão da discursividade (SILVA, 2003). Assim,

a desconstrução e reconfiguração dessa fase são marcadas, entretanto, em 1980, no Colóquio Matérialités Discursives, cujas questões são colocadas em torno do real da língua, da história e do inconsciente. Os trabalhos apresentados no colóquio e retomados no texto intitulado “La frontiere absente (un bilan)” possibilitaram uma maneira nova de trabalhar as questões das materialidades discursivas que se encontram no espaço de confrontação de diferentes disciplinas que se ocupam do discurso: a linguística, a história e a psicanálise (Maria Silva, 2003, p. 4)

Durante esse colóquio, dois nomes se engajam no terreno mesmo da AD: Marandin, por ter aberto possibilidades e ter forçado desbloqueios para a problemática do discurso, através de suas referências linguísticas e filosóficas, que se ancoram fora do marxismo; e Authier-Revuz, que, desde 1978, através de suas reflexões sobre a questão do sentido e da enunciação, põe em evidência as rupturas enunciativas no fio do discurso, apresentando os elementos decisivos para a problemática da heterogeneidade do discurso (SILVA, 2003).

2.2 A Análise do Discurso: a busca do efeito

O discurso é como uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa. É constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais.

Para que se possa compreender um discurso, como um objeto do qual se ocupa uma disciplina específica, objeto de investigação científica, devemos romper com essas acepções advindas do senso comum, que integram nosso cotidiano, e procurar compreendê-lo respaldados em acepções teóricas relacionadas a métodos de análise (FERNANDES, 2005). Dessa forma,

pode-se afirmar que discurso, tomado por objeto da Análise de Discurso, não é a *língua*, o *texto*, nem a *fala*, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística (FERNANDES, 2005, p. 89).

Vemos, portanto, que o discurso não é a linguagem em si, mas precisa dela para ter existência material ou real. Integrante da noção de discurso encontra-se a noção de sentido, compreendida como um *efeito de sentidos* entre sujeitos em interlocução.

Assim, conforme um exemplo retratado por Fernandes (2005), palavras como **ocupação** e **invasão**, usadas no cotidiano, vão além de seus significados, pois dentro de condições de produção específicas podem mostrar um lugar social de interpretação desse mesmo cotidiano. Segundo o autor, se um jornal noticia que houve “Invasão do MST” e outro publica que ocorreu “Ocupação de propriedade rural por integrantes do MST”, os dois veículos de comunicação assumem lugares discursivos que podem mostrar diferenças em relação às ações do Movimento dos Sem Terra. Tudo isso porque **ocupação** e **invasão** constroem realidades discursivas distintas, mostrando a atuação do movimento como algo legítimo ou, simplesmente, um ato criminoso.

Podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana (ORLANDI, 1999 apud FERNANDES, 2005).

Acerca do discurso observado como ação social, (ORLANDI, 1999, apud FERNANDES, 2005) argumenta que,

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Portanto, analisar o discurso implica em fazer uma interpretação dos sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades

sociais. A produção de sentidos mostra que os sentidos das palavras não são fixos, não são entes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar sócio-ideológico daqueles que a empregam (FERNANDES, 2005).

Além disso, o estudo do discurso é atribuído à língua materializada em forma de texto, forma linguístico-histórica, tendo o discurso como objeto. A análise destina-se a evidenciar os sentidos do discurso, tendo em vista suas condições sócio-históricas e ideológicas de produção. A linguagem é histórica, com o tempo vai se modificando. Assim,

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em “si mesmo,” mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (Pêcheux, 1997, p. 190 apud FERNANDES, 2005).

Além disso, como exterioridade à língua e à fala, o discurso, considerado como um objeto de investigação, constitui-se de conflitos próprios em relação à existência de tudo que tem vida social. Discurso não é a língua e nem a fala, mas, como uma exterioridade, implica-as para a sua existência material; realiza-se, então, por meio de uma materialidade linguística, cuja possibilidade firma-se em um, ou vários sistemas (linguísticos ou semióticos) estruturalmente elaborados. Os discursos devem ser pensados em seus processos históricos sociais de constituição (FERNANDES, 2005).

A unidade do discurso constitui-se por um conjunto de enunciados efetivos produzido na dispersão de acontecimentos discursivos, compreendidos como sequência formulada, cuja compreensão é possibilitada pela indagação, como exemplo existente no livro *Diferente somos todos*, de Alina Perlman.

A diferença do “normal” citado no livro quando duas amigas conversam no parque, onde as duas possuem irmãos com Síndrome de Down. Elas discutem entre si o fato de os irmãos serem normais para elas, mas não para os outros. A palavra “normal” significa, no dicionário, algo usual, comum, natural. No parque, as duas amigas que possuem irmãos com Síndrome de Down discutem o fato de acharem as crianças normais, fato que, as outras pessoas discordam com olhares e julgamentos.

A questão está em torno dos sentidos de “normal”. Esses sentidos, e não o significado da palavra que são produzidos em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos. Assim, podemos compreender que a ideia de normalidade, por exemplo, possui “sentidos”, ou melhor, efeitos de sentidos diferentes em condições de produção diferentes. Observemos a sequência da narrativa (PERLMAN, 2016, pp. 21 e 25):

Carmem morria de medo de encontrar algum conhecido. De não estar vestida adequadamente, de ter que explicar a presença do irmão em São Paulo. Já era mais do que suficiente ter que encarar o choque dos frequentadores do parque cada vez que um deles batia os olhos em Diogo.

Ela não se conformava. As pessoas agiam como se nunca tivessem visto uma criança com síndrome de Down. A maioria desviava o olhar rapidinho; alguns esboçavam um sorriso, outros pareciam incomodados. Era como se aquela visão atrapalhasse a diversão do domingo. Carmem não sabia se interpretava bem a reação de todos que passavam, mas tinha essa impressão. E, se fosse preciso, seria capaz de defender o irmão com todas as suas forças.

Figura 4: Construção do sentido de normalidade, p. 21

— É que eu... é que você... É, talvez seja uma coisa normal, sei lá.

— Escuta, falando em normal, você também tem sempre essa impressão de que as pessoas olham de um jeito gozado para os nossos irmãos?

— Tenho, tenho, sim. É uma mistura de curiosidade, simpatia e pena... eu acho. Eu não sabia que você tinha uma irmã com Down...



Figura 5: Perspectiva do efeito de sentido de normalidade, p. 25

Trata-se, nesse contexto, de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção. Com isso, busca-se verificar, a partir de enunciados efetivamente produzidos em determinada época e lugar, as condições de possibilidades do discurso que esses enunciados integram. Isso equivale a dizer que as transformações históricas nos possibilitam a compreensão da produção do discurso, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão.

Em outras palavras, podemos descrever as condições da possibilidade de existência de um livro de literatura surda como o “Patinho Surdo” (ROSA e KARNOPP, 2011), em que o surdo está como personagem central, os reflexos são em torno dele, do patinho que era surdo, referenciando a pessoa surda. Esse tipo de produção só é possível hoje por causa das condições históricas que hoje existem. Antigamente a criança surda era escondida (FERNANDES, 2005). A mesma hipótese pode ser pensada em relação às crianças com Síndrome de Down. Assim, segundo Fernandes (2005), a noção de sentido,

[...] é dependente da inscrição ideológica de enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia; logo, envolve os sujeitos em interlocução. De acordo com as posições dos sujeitos envolvidos, a enunciação tem um sentido e não outros. O sentido é um efeito de sentido da enunciação entre A e B, é o efeito da enunciação do enunciado. Isto, considerando que A e B representam diferentes sujeitos em interlocução, inscritos em espaços socioideológicos específicos (FERNANDES, 2005, p. 88).

Portanto, o lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadores de determinado discurso se encontram envolve o contexto e a situação e intervém a título de condições de produção do discurso. Não se trata da realidade física e sim de um objeto imaginário socioideológico com funções sociais e posições de sujeito. Com isso, existe alguma coisa mais forte que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder (FERNANDES, 2005).

Em síntese, verificamos que para iniciar uma reflexão sobre o discurso, na perspectiva da Análise de discurso, é preciso buscar compreender conceitos como o de Sentido, o qual trata-se do efeito entre sujeitos em enunciação; nega-se a ideia de mensagem encerrada, contestando a eminência do sentido. Além disso, Linguagem e ideologia são vinculadas, esta materializa-se naquela. Ideologia é inerente ao signo em geral (FERNANDES, 2005).

Sendo assim, diante de toda e qualquer palavra enunciada, procuraremos verificar quais ideologias integram condições de produção, são aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso. - Sujeito discursivo, constituído na interação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifesta. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos (FERNANDES, 2005).

Ao final desta parte do nosso trabalho fica claro que a Análise do Discurso trata-se de uma teoria muito complexa e cheia de construções que exigem um longo tempo de amadurecimento e leitura. Sendo este um trabalho de conclusão de curso, não tivemos o tempo necessário para explorar essa teoria e nem mesmo compreender todos os seus desdobramentos. Contudo, é necessário afirmar que a Análise do Discurso nos possibilitou compreender que existe uma forma diferente de ler as coisas, que existe um espaço de construção dos sentidos e que esses mesmos sentidos não estão evidentes e não pertencem às coisas. Embora ainda tenhamos dificuldade em tratar muitos dos conceitos dessa teoria, fica a ideia de que a leitura é uma ferramenta de construção do mundo e que ler não é apenas decodificar palavras.

CAPÍTULO III

AS MATERIALIDADES DISCURSIVAS: UMA LEITURA ANÁLITICA DE TEXTOS DA LITERATURA INFANTIL

O presente capítulo fará as descrições e a análise dos livros escolhidos: *Patinho Surdo* e *Diferentes somos todos*. Será descrito um pouco sobre os livros contando sua história e descrevendo sobre os autores. Há também reflexão sobre a cultura surda e como a literatura pode contribuir para o desenvolvimento das crianças e a construção da literatura surda. O capítulo também trará a análise de alguns aspectos sobre a inclusão das crianças que possuem algum tipo de deficiência através do livro *Diferente somos todos*, mostrando a construção desse processo de inclusão.

3.1 As materialidades textuais: os livros escolhidos

Antes de iniciar o trabalho de apresentação mais detalhada dos dois livros estudados, devemos apresentar um pouco dos motivos que levaram o nosso trabalho a pesquisar os livros *Diferentes somos todos* e *Patinho Surdo*. No início, ainda na composição de proposta de pesquisa, havia o desejo de pensar sobre a leitura. Logo depois, na formalização do pré-projeto, refinamos um pouco esse desejo e passamos a querer compreender de que forma a leitura, e aí a leitura literária, poderia trazer alguma implicação na formação da criança, tanto surda como ouvinte.

Assim, a orientadora apresentou uma sugestão de olhar para literatura infantil a partir de uma perspectiva da produção dos sentidos. O livro “*Diferente somos todos*” é publicado pela Editora SM, a qual tem os livros de língua portuguesa selecionados para uso no campus Aparecida de Goiânia, com as turmas de Ensino Médio. Juntamente com o material didático, a Editora SM enviou ao campus um catálogo de livros literários. A orientadora teve acesso a informações sobre o livro nessa oportunidade e chamou atenção a proposta da Editora ao vincular o livro ao trabalho com a inclusão e respeito pelas diferenças.

Desse modo, houve a união entre a nossa vontade de compreender a leitura e, ao mesmo tempo, a intenção da orientadora de encontrar alguém para

dialogar sobre as possibilidades de interpretação e leitura de um livro publicado por uma editora que faz parte do Programa Nacional do Livro Didático, tem suas publicações adotadas por várias escolas e, além disso, traz uma clara proposta de trabalhar a temática da diferença e do respeito. Ademais, chamou nossa atenção a forma como a própria Editora SM enxerga o papel do texto literário.

Não poderíamos deixar de aceitar o convite de leitura feito pela orientadora e compreender melhor como esse trabalho de formação acontece no texto literário infantil, tendo em vista os apontamentos da própria editora.



Figura 6: Imagem retirada do site da Editora SM

O “Patinho Surdo” foi selecionado porque em várias leituras realizadas sobre a literatura para surdos o livro era constantemente citado. Isso despertou a nossa curiosidade e vontade de compreender qual era a produção de sentido para o sujeito surdo que havia ali. Assim, os dois livros pesquisados atenderam ao nosso critério principal no princípio da proposta de pesquisa, pois os dois trazem vários pontos que mostram a construção de uma identidade, de uma verdade em relação aos valores sociais sobre respeito e inclusão.

3.2 Patinho Surdo

O livro “Patinho Surdo” é uma publicação da Editora da ULBRA e conta a história de um patinho que nasceu surdo em um ninho de cisnes ouvintes. Lá o patinho teve muitas dificuldades para estabelecer uma comunicação entre os outros filhotes. Durante sua trajetória, o patinho surdo consegue reencontrar a família e passar a aprender a língua de sinais da lagoa (LSL) e a conviver com sua família. Esse livro é uma adaptação do livro “O patinho feio”.

A história original conta a saga de um patinho que nasceu sem saber que se tratava de um filhote de cisnes. Todos o achavam feio e estranho. O patinho ficava excluído e todos queriam bicá-lo por ser feio e estranho, por onde o patinho passava ele era excluído por todos por ser diferente e terrivelmente feio. Ao longo da história, o patinho cresce e se torna um cisne bonito e admirado por todos, encontra sua família e passa a viver com eles.

O livro “Patinho surdo” foi escrito por Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa. Fabiano Rosa é surdo, nasceu em uma cidade pequena chamada Jacaré dos Homens, em Alagoas. O escritor mudou-se para Recife para que pudesse ter um maior desenvolvimento, começou a estudar em uma escola para surdos, logo mais foi para uma universidade onde havia tradutores e intérpretes de LIBRAS, no Rio Grande do Sul. Lá ganhou uma bolsa de pesquisa sobre a escrita da língua de sinais, iniciou uma pesquisa de literatura surda juntamente com a professora Lodenir Karnopp, que também faz parte da composição do livro “Patinho Surdo”.

Juntamente com a professora Lodenir e outros, Fabiano Rosa fez adaptações da literatura de quatro livros, “Cinderela Surda”, “Rapunzel Surda”, “Patinho surdo” e “Adão e Eva surdos”.

Lodenir Karnopp é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, possui graduação em Letras, mestrado e doutorado em letras e linguísticas (PUCRS). Desenvolve pesquisas no campo dos estudos culturais em educação, com ênfase em línguas de sinais.

De acordo com Santos (2016), uma das principais características em “Patinho surdo” é a antropomorfização dos animais que se comunicam através da língua brasileira de sinais, sendo eles, os patinhos surdos e o sapo intérprete. Durante todo o livro, é possível identificar a agilidade dos patos com as mãos e a estética das

asas dos cisnes. As ilustrações representam um papel importante na construção das narrativas, em “Patinho surdo”, além de utilizar a escrita de sinais, é impresso em preto e branco com ilustrações ricas que carregam expressões, movimento e traços retos. Podemos ver, na ilustração, as expressões da mãe pata quando perde o ovo.

A mãe pata expressa à perda do seu ovo, a ilustração é rica e cheia de traços que possibilitam uma melhor compreensão. Além disso, por todo o livro as mãos ágeis dos patos contrastam com as estáticas asas dos cisnes (SANTOS 2016). As mãos dos patinhos são

totalmente ilustrativas e cheias de movimentos enquanto as asas do cisne permanecem inertes, no lugar das asas o patinho ganha vida com as mãos. É importante compreender que a textualidade imagética materializa a própria marcação da identidade surda, ou seja, o surdo tem sua identidade comunicativa constituída por uma língua que é espacial e visual e isso fica materializado na presença das “mãos” dos patinhos.

Um ponto bastante interessante é como há uma desproporcionalidade os grandes e superiores cisnes versus os pequenos patos em “Patinho Surdo”. Entretanto, o protagonista é posicionado de forma que seu crescimento não se dá por se descobrir de outra espécie, mas por se manter pato, um pato surdo. Dessa forma, o “Patinho Surdo” acaba por inverter os lados. Apesar de não desconstruir a posição



Figura 7: Representação das mãos nos patos



Figura 8: Estética visual das ilustrações

de superioridade dos cisnes em relação aos patos, ele constrói uma relação de identificação, pela língua, com outro grupo, o dos patos surdos (SILVA, 2016). A mãe cisne é representada com o dobro do tamanho da mãe pata como podemos ver na ilustração.



Figura 9: Comunicação na lagoa e o papel do intérprete

Além da questão identitária, algo também nos chamou a atenção na narrativa em questão. Trata-se do momento em que o patinho surdo eclode p ovo.

Podemos observar, pelos traços empregados e nas expressões mostradas, que o "papai" cisne não recebeu com tranquilidade um filho tão diferente dos demais. As feições de espanto e preocupação da "mamãe" também provocam inquietação. Embora textualmente esteja escrito que "o casal ficou apreensivo", a imagem apresentada desperta outra possibilidade de leitura, pois o papai cisne é apresentado com traços que mostram raiva e, pelo posicionamento frente à mamãe, parece questioná-la sobre a situação.

Por sua vez, a cisne é marcada pela expressão de espanto e o ponto de interrogação acima de sua cabeça mostra como ela não consegue compreender o ocorrido. Tal postura também é reproduzida na imagem do patinho surdo, o qual sinaliza com as mãos. A pequena incompatibilidade entre o linguisticamente dito e as imagens nos apontam para possibilidade de materialização, no desenho, dos discursos presentes em nossa sociedade, os quais colocam sobre a mulher o lugar da suspeita e da traição. A feição do papai cisne não é de apreensão!

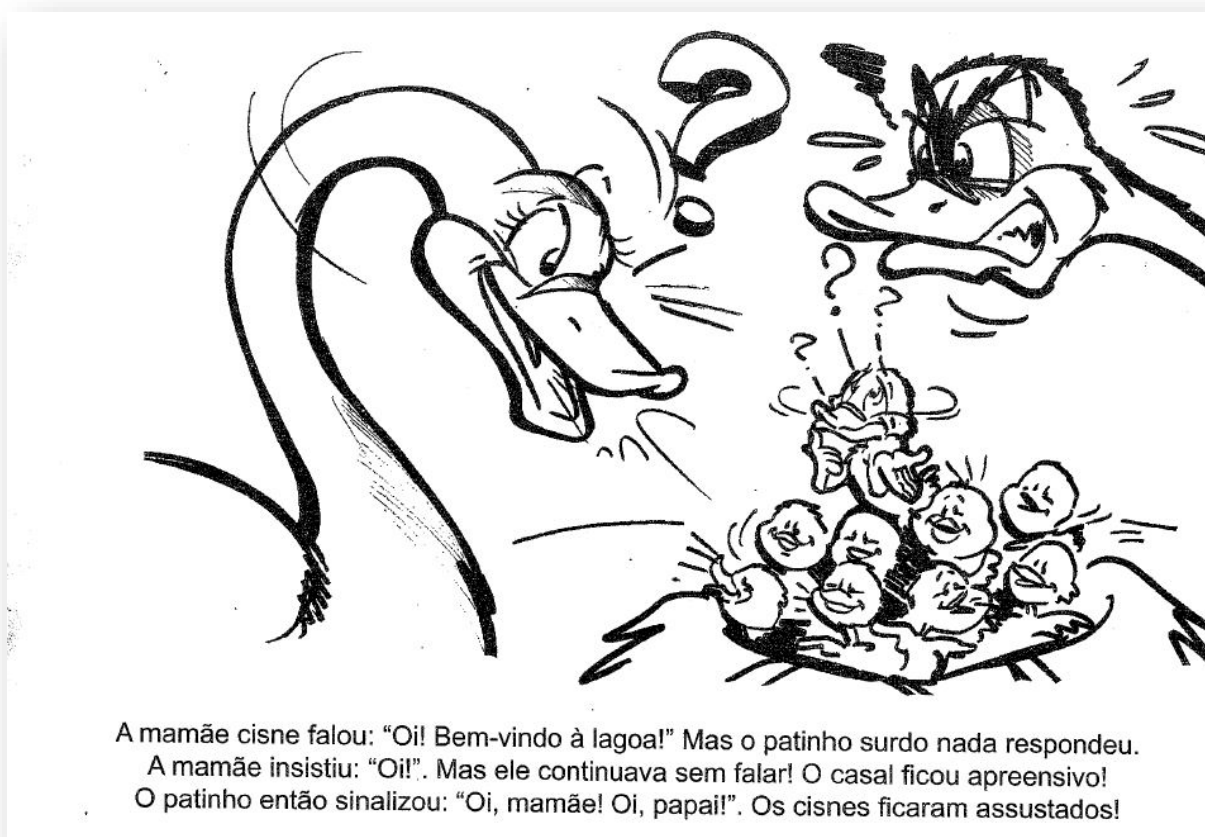


Figura 10: Contradição entre imagem e materialização textual

De maneira geral podemos dizer que a construção de sentidos nos textos pode revelar a própria vivência dos sujeitos surdos, sujeitos que aprendem sobre o mundo através da visualidade. Com isso, o livro, adaptado para a cultura surda, ajuda no desenvolvimento e crescimento dos sujeitos surdos e também de ouvintes, uma vez que apresenta a existência do sujeito que fala com as mãos e que possui uma comunidade que o compreende.

Para finalizar, é possível perceber, conforme Oliveira e Medeiros (2016), que o conto o "patinho surdo", que foi adaptado, traz a diferença linguística como parte

essencial do conflito. O “patinho” e a “feiura” no primeiro e o “patinho” e a “surdez” no segundo. O livro o “Patinho surdo” traz à tona várias situações que também são narrativas do cotidiano das pessoas surdas: o nascimento de um filho surdo numa família de ouvintes, a resistência dos pais ouvintes em aprender a língua de sinais, a proibição em deixar que os filhos aprendam libras, as dificuldades que os surdos encontram nas escolas que não são bilíngues. O conto apresenta, por isso, uma segunda intertextualidade que tem a ver com as histórias e os relatos de vida dos surdos que circulam no âmbito da comunidade.

Novamente concordamos com Oliveira e Medeiros (2016), que apontam uma função mais pedagógica do texto literário, remetendo a valores culturais vinculados à ideia do ser surdo, que deve ser apreendida pela criança surda via literatura infantil. As representações dos desenhos nesse livro não se tornaram apenas cópias do texto verbal, mas uma provocação à percepção do leitor quanto à importância da língua de sinais da lagoa para a família de patos surdos, colocando a mão como maior representação da língua de sinais.

3.3 Diferentes Somos Todos

O livro *Diferentes somos todos* conta a história de duas crianças com síndrome de Down, as quais tinham irmãs que estudavam na mesma escola. As crianças eram de classes sociais diferentes. A narrativa mostra as irmãs lutando pela diferença dos seus irmãos, criando formas de poderem ajudar a inclui-los na escola, principalmente, aquelas que não possuíssem crianças com deficiências. Dessa forma, elas pensavam que seria importante para os irmãos terem contato com outras crianças.

Alina Perlman, escritora do livro *Diferente somos todos*, de 2005, nasceu e se formou em São Paulo, tem mais de 45 livros publicados. De acordo com Alina Perlman (2016), o livro “Diferentes somos todos” fala da exclusão e da necessidade de ser aceito de vários pontos de vista. Carminha sente-se excluída por não pertencer à mesma classe social de suas colegas de classe; as crianças com síndrome de Down são excluídas do sistema de ensino; os pais de Laura sentem-se excluídos porque têm uma filha com síndrome de Down. Gabriela e também Cláudia, que representa o

medo da exclusão dentro do próprio grupo de referência e, portanto, apega-se fortemente, rejeita tudo aquilo que destoe, porque ameaça o que ela já conhece. Crianças que possuem algum tipo de deficiência sofrem com essa exclusão.

As crianças, cada dia mais, estão formando valores éticos, e o livro *Diferentes somos todos* dá a oportunidade para que cada criança perceba os códigos sociais de vários pontos de vista. Com isso, é possível que a criança reflita sobre as diferentes formas de ser e de conviver com outros. De acordo com Perlman (2016), desde que a criança nasce, tem nos pais o modelo e na imitação uma forma de experimentar, conhecer e buscar a sua identidade. Tudo isso faz parte do crescimento. Mas existe um momento em que é fundamental que ela busque a sua forma pessoal de atuar. Não é fácil, já que nesta fase se acredita que o legal é ser igual. É recorrente, forte e perigosa a ideia de que só é aceito num grupo quem se encaixa nesse modelo. Todos nós somos iguais perante a lei, mas somos diferentes uns dos outros.

Analisando o livro pode-se perceber que a narrativa lida muito com a questão de inclusão, cada personagem tem sua história de vida, com o pensamento de que não serão aceitos da forma que são. A inclusão que é tratada no livro vai muito além do ingresso das crianças com síndrome de Down nas escolas, proporciona ao leitor compreender as diferentes questões que o livro aborda.

Além disso, nos traz a reflexão de que outras crianças com diferentes tipos de deficiências, como auditiva, visual, cognitiva entre outras, precisam ser incluídas e não excluídas na sociedade.

A narrativa construída por Alina Perlman nos permite perceber a reprodução de imagens bastante recorrentes nos discursos que circulam em nossa comunidade, os quais estão presentes no imaginário social, bem como reproduzido, por exemplo, nos enredos das telenovelas. Assim, a autora caracteriza os personagens e situações de forma simples e a partir de formações imaginárias já bastante conhecidas: a moça humilde é empregada doméstica, os ricos querem tênis de marca. Os pobres são solidários e éticos, enquanto os ricos têm dificuldade em compreender e aceitar o diferente.

Por outro lado, a narrativa também pode despertar no leitor, sobretudo nesse leitor em formação, a ideia de que, apesar de todos serem “iguais”, pois merecem respeito, por exemplo, também é igualmente importante perceber que as

diferenças devem ser respeitadas, pois individualmente somos construções um pouco diferentes.

Muito provavelmente, crianças com Síndrome de Down e outras deficiências, ao ingressarem numa escola, apresentariam um ritmo mais lento de assimilação, compreensão e abstração dos conteúdos trabalhados; porém, não deve ser um impedimento para a interação com o grupo das demais crianças, essa diferença deve ser sim assimilada (PERLMAN, 2016).

É preciso conversar sobre as diferenças de maneira franca. Para que seja feita a inclusão é preciso aproximar-se, conhecer o outro, deixar-se ser conhecido. Isso é o que precisa ser feito nas escolas para incluir crianças com deficiências física ou mental nos seus grupos de alunos. A criança deverá ser tratada de tal maneira que ela possa participar das várias atividades oferecidas na escola. Se a criança possui qualquer tipo de deficiência, ela só se sentirá incluída se perceber que as outras crianças compreendem as suas dificuldades e valorizam os seus aspectos.

— Deixa de ser fresca, Clau. Eu quero, sim, que a Carminha seja nossa amiga, mas ela tem que ser aceita do jeito que ela é. *Todo mundo é diferente.* Na cor dos olhos, no formato do rosto, no tamanho do corpo, no jeito de ser, na cor da pele. Uns gostam de estudar, outros não; uns são bons em esporte, outros gostam de ler. Uns mancam, outros gaguejam; uns são mais lentos, outros...



Figura 11: Construção das diferenças

As narrativas apresentadas parecem fazer parte dessa rede de dizeres que preenchem o nosso cotidiano e contribuem para formação dos discursos que criam

pontos para que os indivíduos se constituam como sujeitos sociais, afetados pelo que os outros dizem, pelas verdades que circulam em nosso dia a dia. Em outras palavras, os dois livros pesquisados nos ofereceram a oportunidade de compreender melhor o processo de leitura que vai além da decifração de palavras e nos leva a perceber que o que é dito causa efeito e pode contribuir na formação dos sujeitos.

4. Considerações Finais

A Literatura infantil possui uma grande importância, ou seja, ela é fundamental para a aquisição de conhecimentos, recreação, informação e interação necessárias ao ato de ler. A dimensão da literatura infantil é muito ampla e importante, ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Com isso, traz a cada criança condições necessárias para o desenvolvimento. Além disso, cada criança poderá ser capaz de pensar e reconhecer as histórias a partir de suas experiências cotidianas, utilizando a interpretação e discussão da narrativa literária que possibilita a leitura, o conhecimento e inclui a possibilidade de ler o mundo de todas as formas.

Os livros escolhidos representam um discurso relacionado à construção da ideia do respeito à diferença, também, ao entendimento da cultura surda e da literatura surda. Eles provocam reflexões e podem ser importantes para o desenvolvimento de crianças surda ou ouvintes, ou que possuem alguma deficiência. Tudo isso proporciona um maior conhecimento e uma forma diferente de olhar. Cada texto que foi utilizado para realizar a pesquisa é organizado enunciativamente para produzir seus efeitos de sentidos e possibilidades de subjetivação, no cotidiano de cada sujeito.

Portanto, analisar o discurso implica em fazer uma interpretação dos sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. Isso quer dizer que cada uma das obras mostra a materialização dos diversos discursos que conduzem à ideia de construção de identidade e respeito às diferenças, por exemplo.

Este trabalho nos fez perceber que há sempre uma produção de sentidos, os sentidos das palavras não são fixos, não são só elementos, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Em outras palavras, existe um contexto para produzir sentidos diferentes, mas também deve existir condições históricas para que eles existam. O sujeito surdo, por exemplo, só pode ser pensado como protagonista de uma história na medida em que o ser surdo é reconhecido socialmente como alguém que tem algo a ser dito, ou seja, não é aquele que envergonha a família ou aquele que deve ser escondido.

REFERÊNCIAS

- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERNANDES, Claudemar Alves. "Literatura em Foucault: Lugares Da Análise Do Discurso". In: **Revista Signótica Especial**. UFG: Goiânia, nº2, pp. 49-62, 2006.
- _____. Análise do discurso: reflexões introdutórias/Claudemar Alves Fernandes.-Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- KARNOPP, Carolina Hessel e Lodenir. **Metodologia da literatura surda**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 01-51, 2009.
- KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano Souto. **Patinho Surdo**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2011. Ilustração: Maristela Alano.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira. Histórias e Historias. Editora ática. São Paulo. **Anais**, v ,6 n 7, p 10-20, 2007.
- OLIVEIRA Yrian Liana Bezerra; MEDEIROS, Joatan David Ferreira. O discurso gráfico-visual no livro patinho surdo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Artigo. Rio Grande do Norte, 2016.
- ORLANDI, Eni. Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PERLMAN, Alina. **Diferentes somos todos**. Guia de leitura para o professor. Ed. SM. São Paulo, v. 2, p. 1-6. 2016.
- SANTOS, Carla Cristina Gaia. A Tradução de contos clássicos com escopos definidos: um passeio pelas versões de Cinderela Surda, Rapunzel Surda e Patinho Surdo. **Universidade estadual de Maringá**. Paraná, 2016.
- SANTOS, Fabio Cardos e MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez, 2013.
- SCHLEMPER, Michele Duarte Silva. A importância da literatura infantil em LIBRAS no desenvolvimento infantil. **Centro Visual de Cultura Surda**: Edição 20 p. 5-21, 2017.
- SILVA, Maria Conceição Fonseca. Sobre "La fronteira absente (un bilan)". Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bahia, p. 1-8, 2003.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

TCC Versão Final

Assunto: TCC Versão Final
Assinado por: Matheus Souza
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 05/02/2020 16:46:50.

Este documento foi armazenado no SUAP em 05/02/2020. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 41372

Código de Autenticação: 40501a07ef

